

Diplomacia, Tecnologia e Informação

António Sérgio Mendonça

Licenciado em Economia e Mestre em Desenvolvimento e Cooperação Internacional (ISEG-Universidade Técnica de Lisboa). Pós-Graduado em Guerra da Informação/Competitive Intelligence pela Academia Militar e Mestre em Sistemas de Informação pela Escola de Engenharia da Universidade do Minho.

Resumo

O conservadorismo que tradicionalmente caracteriza os Ministérios dos Negócios Estrangeiros representa um desafio importante no contexto da Revolução da Informação. A existência de uma multiplicidade de concorrentes não estatais, indivíduos ou grupos, muito dinâmicos e ágeis, representa uma nova concorrência no exercício da atividade diplomática que, face às possibilidades de intervenção que os desenvolvimentos tecnológicos têm permitido, consegue obter uma influência política a nível global.

Neste contexto, questiona-se até que ponto tal não implicará, por parte dos agentes tradicionais, uma menor rapidez face aos novos concorrentes na resposta aos desenvolvimentos tecnológicos que vêm ocorrendo.

Por outro lado, a complexificação do ambiente comunicacional implica investimentos crescentemente mais fortes em tecnologias de comunicação e monitorização que, países com menos recursos poderão ter dificuldade em acompanhar, colocando em causa a tradicional superioridade estatal no domínio da informação.

Abstract

Diplomacy, Technology and Information

The conservatism that traditionally characterizes the Ministries of Foreign Affairs represents a major challenge in the context of the Information Revolution. The existence of a multiplicity of non-State competitors, individuals or groups, very dynamic and agile, represents a new competition in the exercise of diplomatic activity that, given the intervention possibilities that technological developments have allowed, manages to get a political influence at a global level. In this context, one have to ask to what extent this new communicational environment does not imply a slower response to technological developments by the traditional agents, when compared to the new competitors.

On the other hand, the complexity of the communicational environment requires stronger investments in communication and monitoring technologies, prohibitive to poorer countries, threatening the traditional State information superiority.

O conservadorismo que tradicionalmente caracteriza os Ministérios dos Negócios Estrangeiros e uma nova concorrência no exercício de funções diplomáticas, constituem desafios importantes num contexto comunicacional de muito rápida evolução tecnológica. Constata-se hoje a existência de uma multiplicidade de concorrentes não estatais, muito dinâmicos e ágeis, que vêm aproveitando as possibilidades de intervenção política global que os desenvolvimentos tecnológicos têm permitido a indivíduos e grupos privados.

Neste contexto, questiona-se até que ponto não ocorrerá em alguns casos uma menor rapidez das estruturas estatais ou organizações internacionais face aos novos concorrentes na resposta aos desenvolvimentos tecnológicos que vêm ocorrendo.

Por outro lado, a complexificação do ambiente comunicacional implica inovação nos *media* e investimentos crescentemente mais fortes em tecnologias de comunicação e vigilância que países com menos recursos poderão ter dificuldade em acompanhar, colocando em causa a tradicional superioridade estatal no domínio da informação.

Tecnologia e Informação

A Revolução da Informação, em curso desde as décadas de 1960 e de 1970 veio revolucionar todo o ambiente comunicacional a um ritmo muito elevado obrigando a um esforço permanente de adaptação de todos os atores sociais. O nível de adaptação “será determinante no seu posicionamento relativo num contexto em que novas hierarquias se definem de modo cada vez menos dependente de fronteiras geográficas” (Mendonça, 2009: 14). Os rápidos avanços tecnológicos associados à Revolução da Informação, a nível informático, das comunicações e *software*, tal como sublinha Nye (2011: 114) vieram diminuir o custo de criar, processar, transmitir e procurar informação.

De entre os avanços tecnológicos deve ser destacada a importância assumida por evoluções tecnológicas nos modos de comunicação e que assentaram na “digitalização da comunicação, nas redes informáticas, no *software* avançado, na difusão em banda larga de grande capacidade e na comunicação local e global através de redes *wireless*, cada vez mais com acesso à internet” (Castells, 2009: 56).

Uma alteração fundamental refere-se à Web 2.0, que ao implicar uma comunicação nos dois sentidos requer uma adequada capacidade de escuta. A lógica 2.0 alterou também o modo de dar notícias, sendo crescente o número de cidadãos que acaba por ser fonte para canais noticiosos, através de *blogs*, *posts* ou comentários (Babst, 2011).

A maior expansão da internet a partir da última década do século XX justifica-se, em parte, por inovações tecnológicas como a banda larga ou a utilização generalizada de computadores pessoais que vieram gerar um crescimento exponencial da produção de informação.

Este crescimento rápido da informação produzida e partilhada veio criar um problema adicional, o do excesso de informação disponível.

Joseph Nye (2011: 115) realça que a quantidade de informação digital aumenta dez vezes a cada cinco anos. Os custos de transmitir informação tornaram-se dispensáveis, e a quantidade de informação que pode ser transmitida mundialmente é virtualmente infinita, o que vem gerar novos desafios como o da sobrecarga da informação.

O problema da sobrecarga da informação implica que mais importante que ter ou controlar a informação é saber como usá-la de forma objetiva com um fim específico.

Outra característica fundamental é sublinhada por Zanini e Edwards (2001: 35) e refere-se à importância da integração de tecnologias de informação e comunicação.

A integração tecnológica é uma das inovações tecnológicas mais significativas a nível da informação e comunicação. Traduz-se na convergência “de redes de telecomunicações, redes informáticas e redes de transmissão em redes digitais e novas tecnologias de transmissão e armazenamento de dados, particularmente de fibra ótica, comunicações via satélite e *software* avançado” (Castells, 2009: 58), aumentando significativamente o volume de informação disponível e a sua complexidade.

Redes

As redes estão na base do novo ambiente comunicacional existente que veio revolucionar a relação entre indivíduos, grupos e Estados.

Uma das características fundamentais da Era da Informação é a conexão de computadores em rede com implicações na organização da sociedade. Para entender a sociedade, é hoje fundamental entender o funcionamento das redes. A disseminação de organizações rivais em rede obriga a que estas sejam combatidas por outras organizações estruturadas na mesma forma. Como afirmam Ronfeldt e Arquilla (2001: 15) “são precisas redes para combater redes”.

Castells (2009: 19) define rede como um conjunto de nós interligados, sendo que esses nós podem ter uma importância diversa para a rede, sendo os nós particularmente mais importantes chamados de centros. A função de cada nó depende dos programas da rede e da sua interação com outros nós na rede.

Este autor sustenta que o processo de globalização só se tornou possível pela existência de capacidade de agir em rede globalmente possibilitada por tecnologias de comunicação digitais e sistemas de informação incluindo rápidas redes de transporte de informação por computador de alcance ilimitado, sendo este o elemento de distinção fundamental do atual processo de globalização em tamanho, velocidade e complexidade face a formas distintas de globalização em períodos anteriores.

A sociedade em rede global é altamente flexível e moldável a forças sociais, cultura e estratégias económicas e políticas, havendo um domínio sobre pessoas e atividades fora da rede sendo que o global sobrepõe-se ao local.

Outra inovação fundamental ocorrida a partir da última década do século XX refere-se à explosão da comunicação sem fios com capacidade crescente de conectividade e largura de banda em gerações sucessivas de telefones móveis. Foi “a tecnologia de difusão da comunicação mais rápida da história, atingindo hoje mais de metade da população mundial” (Castells, 2009: 62).

São múltiplas as aplicações que distribuem capacidade comunicativa através de redes sem fios, multiplicando os pontos de acesso à internet, pelo que no novo modelo de comunicações, a comunicação sem fios tornou-se na forma predominante de comunicação por todo o mundo. A capacidade de aceder à internet de um dispositivo sem fios tornou-se o fator crítico para uma nova onda de difusão da internet no planeta. Tal dependerá da construção de infraestruturas sem fios, de novos protocolos para a internet sem fios e da difusão de capacidade avançada de banda larga.

A explosão da comunicação sem fios vem adensar as preocupações quanto à possibilidade de o desenvolvimento das redes constituir uma ameaça cada vez mais séria à privacidade dos cidadãos (Mendonça, 2009: 50).

Castells (2009: 63) refere já existir a possibilidade tecnológica de uma rede quase ubíqua sem fios de banda larga, aumentando o potencial para comunicação multimodal de qualquer tipo de dado em qualquer tipo de formato entre quaisquer pessoas em qualquer lugar. No entanto, tal requererá a construção de infraestruturas e regulamentação adequada nacional e internacionalmente.

Tecnologia, Diplomacia e Governação

O trabalho de um diplomata, em boa parte, respeita ao uso da informação, trata-se da matéria-prima da diplomacia que fundamenta o trabalho de um diplomata. A Revolução da Informação veio, naturalmente, influir de forma significativa no modo como deve ser exercida a atividade diplomática.

Um dos efeitos mais importantes das tecnologias de informação e comunicação (TIC) refere-se às suas implicações nas estruturas das organizações.

Uma das implicações óbvias refere-se à necessidade de adaptação a uma sociedade em rede e de estruturar as organizações em rede, flexibilizando-as em detrimento de estruturas mais hierarquizadas e rígidas.

A este respeito, Rana (2011: 206) refere que as TIC requerem fluidez da informação do topo para a base e da base para o topo. Tentativas de controlo muito apertado da informação geram ineficiências para a organização. Situações em que funcionários controlam informação de forma apertada persistem em várias organizações, o que lhes pode dar uma vantagem no curto prazo, mas gera ineficiência e prejudica o conjunto da organização.

A prevenção deste tipo de desvios na organização requer a valorização mais objetiva das competências pessoais dos elementos da organização, competências essas que deverão preceder as profissionais.

Por outro lado, deverá valorizar-se a comunicação mais horizontal, diminuindo as chefias intermédias, fomentando-se a autonomia dos funcionários e a sua comunicação com o exterior.

Uma das questões fundamentais é a da redução do custo de transmitir informação. Nye (2011: 115) considera que a característica fundamental da Revolução da Informação não é a da velocidade mas a redução do custo de transmitir informação, baixando as barreiras à entrada.

Potenciou-se assim um poder acrescido para que os atores não estatais capturem funções tradicionais dos Estados. O acesso generalizado a fontes de informação e à computação em rede veio gerar concorrência à atividade diplomática tradicional (organizações não-governamentais, *media*, organizações terroristas, organizações ambientais, agentes individuais). São diversos os atores que aproveitam os recursos propiciados pelas TIC para interferir em acontecimentos de natureza global.

O exemplo do Irão é muito relevante pelo modo como o Twitter deu forma aos protestos estudantis, tendo o Departamento de Estado norte-americano solicitado o adiamento de uma operação de manutenção do *site*.

Na “Primavera Árabe” o papel das redes sociais foi também fundamental na mobilização de manifestações e na passagem de informação (Mendonça, 2011: 41).

Tal como sublinha Babst (2011), as pessoas, como ativistas, académicos, jornalistas e políticos usam a tecnologia de que dispõem (telemóveis, portáteis) para se informarem, para divulgar assuntos de interesse tanto local como global, para discutir questões políticas, organizar protestos públicos e para fugir à censura estatal.

Isto reflete uma maior interdependência mundial, a agenda política internacional é mais vasta com múltiplos atores transnacionais. Rana (2011) refere a existência de “um efeito de David” em que os mais pequenos se tornaram mais poderosos interferindo com as decisões dos tradicionalmente mais fortes, em que a Web 2.0 desempenha um papel importante sublinhando a importância dos blogues e das redes sociais.

Babst (2011) sustenta também que a internet transformou-se na praça pública virtual do século XXI em que ações individuais ou coletivas no Facebook, Twitter ou no *site* de vídeos YouTube têm um impacto no curso de eventos políticos internacionais.

A evolução das tecnologias de informação e comunicação está assim a mudar a natureza da governação aumentando a difusão do poder. “Muitas possibilidades de comunicação entre os cidadãos um para um (e-mail), um para muitos (página pessoal, blogues, Twitter), muitos para um (Wikipedia) e mais importante, muitos para muitos (Facebook, LinkedIn)” (Nye, 2011: 115).

Castells (2009: 27) considera mesmo que as redes globais de informação e tecnologia são as dominantes sobrepondo-se às “tecnologias/armas” militares. Considera que a mais importante fonte de influência hoje no mundo é a transformação das mentes das pessoas, pelo que, neste contexto, os *media* serão redes chave, por serem a primeira fonte de mensagens e imagens que chegam às mentes das pessoas.

Por outro lado, a tecnologia, nos tempos de hoje, permite que indivíduos e grupos marginais tenham ao seu alcance poderes que eram apenas públicos. Embora ciberespaço não substitua a escala geográfica e não vá abolir fronteiras, irá complexificar-se o que significa ser um Estado soberano ou um país poderoso no século XXI (Nye, 2011: 121-2).

No que se refere às consequências da Revolução da Informação ao nível das desigualdades entre os diferentes países não é claro qual o efeito predominante. Vimos que a diminuição dos custos de transmitir informação diminuem, possibilitando a multiplicação do número de atores dando poder a agentes individuais e coletivos que, *a priori*, dispunham de um poder reduzido. No entanto, podemos ter também um efeito contrário, existindo um aumento das desigualdades entre países pelos custos que as TIC implicam.

Como sublinha Rana (2011) a complexificação do ambiente comunicacional implica aumento dos riscos de interceção das comunicações, mecanismos de vigilância, que podem dissuadir os países com menos recursos de usar algumas das tecnologias.

Vulnerabilidades

A “Revolução da Informação” trouxe um conjunto de vulnerabilidades e novos desafios para os Estados como a alta dependência em sistemas complexos, a instabilidade política e possível perda de reputação.

A influência da internet em domínios políticos como a privacidade, a encriptação, a censura, o comércio eletrónico, o comércio internacional, a proteção da

propriedade intelectual, a fiscalidade, o cibercrime ou a guerra da informação requerem um acompanhamento diplomático atento (Denning, 2001: 250). Trata-se de domínios com uma componente externa relevante.

Outras vulnerabilidades características da era da informação e às quais deverá ser prestada atenção referem-se ao ativismo e ao “*hacktivismo*”.

No âmbito do ativismo, Denning (2001: 243) sublinha a importância da internet para atores internacionais, facilmente acessível para atores não estatais permitindo a recolha de dados, a publicação, o diálogo, a coordenação da ação e o *lobbying* direto sobre os decisores políticos.

O “*hacktivismo*” definido como a combinação de “*hacking* com ativismo”, com o *hacking* a referir-se a operações em computadores, por vezes ilegais, com a ajuda de *software*. “O *hacktivismo* inclui a desobediência civil no ciberespaço: *e-mail bombs*; *web hacks*, *computer break-ins*; vírus informáticos e *worms*” (Denning, 2001: 261).

Os Estados face às Redes Globais de Comunicação

A formação de uma sociedade em rede a nível global constitui um desafio exigente para os Estados. Esse processo, impulsionado por inovações tecnológicas tem como uma das suas traduções mais claras a formação das redes globais de comunicação. Existe assim uma “contradição entre a estruturação das relações em redes globais e o confinamento da autoridade do Estado-nação às suas fronteiras territoriais” (Castells, 2009: 39).

No entanto, como defende Castells, os Estados-nação continuam a ver as redes de governação como oportunidade para maximizar os seus interesses, olhando para a governação global como uma oportunidade de maximizar os interesses próprios, em vez de ser um contexto em que as instituições políticas partilham a governação em projetos comuns. “Pelo que quanto mais o processo de globalização avança mais contradições gera (crises de identidade, crises económicas, crises de segurança) levando a um fortalecer do nacionalismo e tentativas de restabelecer o primado da soberania” (Castells, 2009: 41).

Castells (2009: 44) considera que a influência das redes complexas de governação global imperfeita é tão grande que os Estados são condicionados por pressões de grupos de interesse, tendo de negociar com os *media* que transmitem as suas ações para os cidadãos.

Por outro lado, e numa tentativa de evitar a supremacia de novos competidores, Castells (2007: 191) sustenta que os governos põem obstáculos à difusão da tecnologia de encriptação como tentativa de manter controlo sobre os fluxos de informação em que fundamentaram durante séculos o seu poder.

Deste modo, no contexto da era da informação, a diplomacia adquire novas responsabilidades podendo corresponder ao que Ronfeldt e Arquilla (2001) apelidaram do exercício da *noopolitik*, um novo paradigma para a diplomacia que transcende a *realpolitik* e está mais adaptada a lidar com uma relação de forças reequilibrada entre Estados, mercado e atores da sociedade civil, estando mais apta a lidar com as redes globais. Num mundo interdependente, configurado pela informação e pela tecnologia, a capacidade para responder aos fluxos de informação é uma ferramenta essencial para fomentar uma agenda política.

Conclusão

A revolução da informação, a integração tecnológica e a formação de redes globais de comunicação representam um desafio enorme no exercício da atividade diplomática.

O controlo da informação já não é uma prerrogativa do Estado, podendo esse controlo estar também a passar em certa medida para agentes privados, eliminando o tradicional monopólio estatal neste domínio.

Por outro lado, ao desafio tecnológico corresponde também um desafio organizacional, no que se refere à adaptação das organizações a uma sociedade estruturada em rede. O exercício da *noopolitik* poderá ser uma forma eficaz de lidar com esses desafios, potenciando capacidades individuais das organizações diplomáticas, libertando os seus elementos, evitando bloqueios de informação dentro das organizações e adaptando-as ao novo ambiente comunicacional.

É essencial que os Ministérios dos Negócios Estrangeiros acompanhem as mudanças tecnológicas; existem indícios que apontam para o facto de que as múltiplas possibilidades oferecidas pelas TIC são ainda desaproveitadas (Mendonça, 2009).

É fundamental que os Estados se adaptem eficazmente aos desafios da sociedade em rede e ao ambiente comunicacional global para conseguirem defender os seus interesses face a um conjunto cada vez mais alargado de redes globais de atores que ameaçam muitas das suas competências tradicionais, tendo presente a regra enunciada por Ronfeldt e Arquilla (2001: 15) há mais de uma década “são precisas redes para combater redes”.

Bibliografia

- Arquilla, John e David Ronfeldt (2001). *Networks and Netwars: The Future of Terror and Militancy*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Babst, Stefanie (2011). "Security Policies 2.0: Can Facebook, Twitter and Co. Make an Impact?" (acedido 25 de julho de 2012 em www.atlantic-community.org/index/articles/view/Security_Policies_2.0%3A_Can_Facebook%2C_Twitter_and_Co_make_an_Impact%3F.)
- Castells, Manuel (2007). *A Galáxia Internet, Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: F.C. Gulbenkian.
- Castells, Manuel (2009). *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press.
- Denning, Dorothy (2001) "Activism, Hacktivism and Cyberterrorism: The Internet as a Tool for Influencing Foreign Policy" in Arquilla, John e David Ronfeldt (eds), *Networks and Netwars: The Future of Terror and Militancy*. Santa Monica: RAND Corporation
- Mendonça, António S. (2009). *Diplomacia na Era da Informação e Gestão do Conhecimento*. Dissertação de Mestrado em Sistemas de Informação defendida na Escola da Engenharia da Universidade do Minho sob orientação da Professora Doutora Isabel Ramos. Guimarães, 14 de dezembro de 2009.
- Mendonça, António S. (2011). "Diplomacia Pública, Redes Sociais e Perspetivas Futuras da Atividade Diplomática". *Revista Segurança e Defesa*, nº 18 (Julho-Setembro de 2011), pp. 38-44.
- Nye, Joseph (2011). *The Future of Power*. New York: Public Affairs.
- Rana, Kishan (2011). *21st Century Diplomacy: a Practitioner's Guide*. London: Continuum Books.
- Zanini, Michele e Sean Edwards (2001) "The Networking of Terror in the Information Age" in Arquilla, John e David Ronfeldt (eds), *Networks and Netwars: The Future of Terror and Militancy*. Santa Monica: RAND Corporation.